

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Barcellos, 24 de junho de 1902

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

O PEREIRINHA!

E' uma individualidade unica; e não é preciso tê-lo por muito amigo, para se lhe apreciarem as bondosissimas qualidades d'alma.

Ha n'aquelle seu espirito lucido, uma irradiação de sympathia que lhe espelha no rosto, franco e aberto, a funda amizade de nós todos.

A Verdade, é, acima de tudo, o sentimento mais ingente e poderoso que lhe actua no cerebro.

Acalentada, pela pureza do seu caracter, ella foi ali encontrar o firme abrigo a que tem jus.

O Pereirinha!

Não cabem, dentro da pobre linguagem d'esta biographia, a figura levantada, o espirito superior e modesto d'aquelle ser, de quem se é amigo devotado e incondicional.

Trabalhadôr honesto e intelligente, elle resolve com superior criterio e precisão, todas as difficuldades dos variados mesteres em que lida.

Dedicado e estremenoso pela sua familia,—quantas vezes nós o temos visto—é para ella affavel e digno.

E' popular e querido como ninguem; todos o conhecem, todos o estimam.

Ha, todavia, um bello senão no seu espirito.

Para elle, as noites, têm attractivos e enleios proprios d'uma alma de bohemio. E que de vezes, quem escreve estas linhas, tem sido o seu companheiro, por essas docês noites de luar, em que as illusões se desatam e voam, n'uma ancia de melhor futuro, ou n'uma lagrima de triste saudade.

Como elle comprehende e sente as melancolias d'una noite que finda e as bellezas d'uma aurora que nasce!

Como elle comprehende e sente as melancolias d'una noite que finda e as bellezas d'uma aurora que nasce!

E' de justiça esta homenagem que hoje lhe presta a «Lagrima», que se honra de lh'a conferir.

Se não bastassem os extraordinarios predicados já expostos,

quantos teriamos ainda a citar que lhe exornam o coração.

2.º commandante dos Bombeiros Voluntarios, devotado e intrepido, o Pereirinha conquistou em todos os seus subalternos a maior e inconfundivel das dedicações—a amizade e o respeito.

De tudo isto se conclue, certa e inabalavelmente, que o nosso Pereirinha é mais de que um amigo, é um irmão; mais que um irmão—é as duas coisas.

Barcellos 20—6—902.

A.



A LAGRIMA

Barcellos por dentro

Já não pôde ser no dia de domingo—como foi prometida—a inauguração do nosso Gil Vicente.

Porém se não houver contratempo de maior, podemos garantir que nos meados do mês de julho irá á scena a peça ora em ensaios.

Não admira nada este adiamento da *première*, pois que não se estando a contos com artistas, têm de resolver-se difficuldades de primeira grandeza.

... Mesmo os individuos profissionaes em tal *especialidade* soffrem ensaios na média de quatro mezes!

O «Barcellos por dentro», como as produções d'este genero, têm uma diversidade de personagens enorme, a feição do trabalho é toda comica.

Que difficuldade—muito natural—de reunir todos os amadores á hora convencional e que sacrificio da parte d'alguns sujeitarem-se a *typos* que não lhes estão na corda!

A todo o momento mesmo vão apparecendo entraves, que é preciso desfazer com delicadeza, com paciencia e com vontade!

Se os leitores soubessem de meia missa—no tocante a impecilhos—diriam logo d'um folego que deviamos escrever um «Barcellos por fóra».

No entanto os actuaes interpretes da peça inaugural encontram-se cheios de vontade e isso é meio caminho ao lado para resolver o desideratum que temos em mira.

*

Alguns amigos nos têm perguntando o que vem a ser o «Barcellos por dentro»?

A titulo de preambulo diremos que, para a sua confecção, tivemos sómente em mira que o theatro da nossa terra fôsse inaugurado por barcellenses.

... Que fossem patricios que produzissem o verso, a musica pertencesse á lavra de filho de Barcellos e a mesma scenographia desejavamos vel-a feita por conterraneo.

O nosso estimavel collega Carreira desistiu—por motivos alheios á sua vontade—de arranjar a musica; ultimamente, porém, facilitaram-se-lhe as circumstancias e cá o temos—mais o José Marcellino—a prestar o seu valioso auxilio.

O João Chrysostomo, que se promptificou com todo o carinho a fazer a scenographia, vê-se em palpos de aranha para nos ser agradavel e podêmos consolar-nos que, em compensação, nos dá o seu auxilio artistico nas caracterisações.

Convidamos—para nenhum concurso de barcellenses faltar—o sr. Domingos José de Faria para ensaiador.

Foi este nosso amigo o que retocou de fóra a fóra, os primeiros defeitos de dicção nas va-

rias scenas. Os amadores estão-lhe profundamente gratos. Ultimamente, porém, precisou-se d'um pratico ensaiador que tirasse effectos *scenicos* ao «Barcellos por dentro» e foi convidado para desempenhar esse cargo o conhecido actor Paiva, da companhia Taveira.

Como os nossos leitores e amigos vêm, não nos inspirou vaidade, mas amor a este torrão, ao lançarmo'-nos á tarefa ingloria de urdir a peça inaugural.

...E foi assim que arrancamos á sua profunda modestia o exm.^o sr. dr. Martins Lima, afim de que escrevesse a *scena da taina* e mais os versos de entrada do 1.^o acto; e foi assim que solicitamos do nosso distincto amigo sr. dr. Ferraz que escrevesse a *falla* que dá logar á apothese a Gil Vicente, e foi assim que pedimos o concurso poetico do A. Braz e do Arthur Vieira.

*

Que é o «Barcellos dentro?»

Uma pancadaria alegre de instantaneos da nossa povoação, uma successiva serie de flagrantes mais bem ou mais mal aproveitados...

A difficuldade que tivemos de traçar o nosso plano foi *não podermos* explorar:

—a politica, um filão de primeira ordem, porque embora distribuíssemos a *todos* eguaes doses, cada qual sentia só *as suas*...;

—os ditos de sentido duplo, *una riqueza* que se espalhava pelos tres actos;

—não haver mulheres, a alma de qualquer peça, tendo de nos sujeitar a pagar por muito dinheiro as duas que têm de vir do Porto;

—a careza da scenographia, pois só o custo de dous pannos de fundo para agradar aos mais exigentes, custariam tanto como a receita bruta dos espectaculos com que Barcellos poderá aguentar;

—não haver n'esta villa, como nos grandes centros, plateia *compensatória* para as differentes especialidades como sejam o drama, a comedia, a revista, etc!!

... e, sobretudo, ter o empresario contra si esta cousa desanimadora:

Sêr Barcellos umá terra pobre e pequena.

*

Podia a peça ser perfeita, que não é, podia ser posta em scena nos *pintheus*, como o foi distinctamente ha annos o «Sargento Mór de Villar», que o pobre auctor-empresario não fugiria ao risco de soffrer a malidicencia—por via da regra dos incompetentes—é vêr... um dragão diante de si—o deficit!

Quando no ultimo n.^o fizemos uma referencia ao julgamento dos guardas do Burnay, não tivemos em mira melindrar o character do exm.^o

A LAGRIMA

sr. dr. Delegado, que nas nossas cavequeiras temos impôsto como caracter de primeira grandeza e, mais, como um dos magistrados mais rectos e sabedores que, em nossa curta vida, tem pisado as taboas do tribunal de Barcellos.

Pareceu-nos que no julgamento, em questão, sua ex.^a foi d'uma brandura pouco vulgar, mas a esse respeito, somos facil—sinceramente—a concordar, que tinhamos em nós a justificada má vontade contra esses malsins dos tabacos.

Acreditamos—creia s. ex.^a, e pessoalmente lh'o havemos de dizer—na sua honradez profissional, e aqui a apregoamos como um exemplo respeitoso.

Quando saímos do tribunal, na noite de 26 (?) taes cousas ouvimos e taes scenas presenciámos, que sentimo'-nos mal humorados—e taes impressões recebeu o nosso estimavel collega da «Folha», como o dá a perceber em noticia sublinhada, ironica, a respeito do assumpto de que tratamos.

E de tal maneira ficamos, que sob uma excitação nervosa escrevemos o que, sob a epigraphe «Guardas... do Burnay», aqui saiu á luz da publicidade.

Demais:

Sabiamos que—antes do julgamento—fôra encommendada uma ceia para os taes galfarros; tinhamos conhecimento que havia sido pedido um logar, por pessoa muito conhecida, para um dos suppostos criminosos e viamos dentro do edificio da justiça uma pressão de empenhos sobre o jury.

Depois da decisão deste notamos pelas mercarias, pelas sociedades, grande tensão de espirito contra a familia do assassinado; contra a maioria do jury, etc. etc.; e foi por isso que nós tivemos a dignidade, a altivez, de escrevermos o que por toda a parte se dizia e somos capazes de jurar que, aquelles mesmos, que eram os *crallales* contra o que dentro da ceia pareceu immoral—por questão de adulação—blasphemaram contra esta folha calunniando-a de redicula, ella que pelo seu aprumo aqui tem gosado collaboração, desde a do sr. dr. Monteiro, dr. Ramos, dr. Luiz, dr. Ferraz, dr. Lima, dr. Ramires, dr. Fontes, Alves Mendes, Julio Brandão, Alberto Pimentel, Antonio Feijó a outros muitos.

...Que, enfim, tem recebido a collaboração do que distincto póle ter uma povoação, uma Patria!

Sabemos o que custa ter sentimentos e, sobretudo, o que custa a ser JUSTO, e advinhamos porisso—debaixo de nossa palavra de honra—que deviam ter magoado o ex.^{mo} sr. dr. Souza Brito, as nossas phrases.

Como s. ex.^a, temos trabalhado para ser honrado e julgamos possuir conia-corrente limpa, sem rasuras, com a familia e com a sociedade.

Nunca cançamos de nos exforçar para progredir. E tivemos contra nós a difficuldade—de nosso nascimento pauperrimo, e a de termos por academia as caixas typographicas!

Foram ellas a nossa instrução e educação.

Não consideramos o ex.^o sr. dr. Delegado superior (no tocante a dignidade) á nossa humilde pessoa.

.....
E é, por sabermos o que nos custaria ver a sociedade irrecoñhecida diante de nós, o que nos leva a fazer justiça ao caracter de s. ex.^a! Acredite-o.

O Pernica e o maior patusco d'esta quinzena, quer elle queira, quer não queira, e vamos vêr.

Na ultima sexta-feira arrastou elle uma sucia de pandegos até sua casa, com faliazes promettimentos d'uma taina variada.

Uma vez que os convidados entraram no seu lar, arrasou-os logo com vinho.

Depois d'algumas horas de demora, mandou vir os *peliscos*, que se resumiram em frescas papas de couve nabiça, com que regalou as tripas aos convivas.

Vieram para Barcellos os tainistas com a barrega entampurrada, que pareciam porcos do Alemtejo.

Um alfayate d'esta villa, bem conhecido pelo seu espirito galhofeiro—mórmente evidenciado na epoca carnavalesca—perdeu um livro de apontamentos, do seu ateliér, que nos veio á mão.

D'elle extrahimos, com a devida venia, o seguinte:

Filho do capitão Zório
Portella garçozeiro
José Oomberto
Emilio canipato
Joaquim binagre
picôno do carreira
Praticante do dualphino
Bibassa da pouza
Antonio contratadôr de Mardeira de S. Quelauão
Filho mais novo do José Karias
cachoiro do coelho gonзалves
Abbade de bulacoba
Picôno do Sr. Corrêa pretinho
Filho do Nunes mais velho

Conheciam-se até aqui varias maneiras de desaffronta, em casos de dignidade, ora a tiro, ora ao mais commodo sócco...

Pois esta terra, que tambem tem direito de ser original alguma vez, promette no dia do primeiro spectaculo do «Barcellos por dentro», presenciar uma desforra unica!

A LAGRIMA

E' o caso de que tendo nós aqui feito umas aliás inoffensivas referencias a certa patuscada que se realisou em St.^a Maria do Abbade, um dos seus participantes prometteu «pagar a uma porção de borrachos para nos darem uma patcada ao assumirmos no palco.»

...E d'esta forma fica sanada a honra *offendida* d'um pobre diabo que, lá por não comer cabrito que lhe foi promettido, gramou em Abbade de Neiva com uma boa es-piga, com que lhe pespegou o Chiteiro.

Producto isto da má digestão do corno do cabrito... que antegosou *in mente*.

Manuel Leite

A «Lagrima» sente profundamente que Barcellos perca um dos seus filhos mais dilectos — Manoel Leite.

Era uma das individualidades mais salientes da nossa terra, como artista muzical; como espirito engenhoso; como conversador anedotico, alegre e insinuante; como empregado irreprehensivel da nossa Camara; como caracter!

Sentimos do coração a sua morte e apresentamos nossos cumprimentos de condolencia a seu irmão e nosso amigo exm.^o sr. Joaquim Leite.

Chronica-Versatil

Todos conhecem ahi
O *sôr* Antonio Azevedo,
Um cavalheiro, isso, credo!
Próbo, honesto de mão cheia.
Tem um logar na Fazenda...
Conhecem-o, não? Pois bem.
Ouçam esta, que elle tem
No reportório da ideia.

No domingo deseseis
Festejou-se o Santo Antonio,
Inimigo do demonio,
Protector dos... mercieiros.
Dei co' o amigo Azevedo.
Diz-me elle pr'ó ceu a olhar:
«Ando cá a *magicar*
Porque é qu'estes festeiros,

No dia em que a christandade
S. Aureliano festeja,
De S. Christovam na igreja,
No Largo de S. Francisco,
Fazem festa ao Santo Antonio!
Que embrulhada de santos!...
É n'un guizado d'encantos
Todos juntos?... Que petisco»

Depois lembrou, entre risos,
Có uma das mãos na espadua,
O Santo Antonio de Padua,
Filho nato de Lisboa
E residente em Martim.
Eu desfiz-me em gargalhadas,
Dá, leitor, duas risadas.

.....
Não te ris de coisa boa?!

*

Recebi hoje esta carta:

«*Senhor chronista Furão:*

Não seja tão intrujão,
Não seja tão asno assim.
Você é um bruto chapado,
No que diz, sem consciencia,
Você é uma... indecencia!
Não sei que lhe chame, enfim!

Quero-lhe partir a cara,
Essa cara sem vergonha,
Essa *car'ta* medonha,
Ouvia, seu grande baboso?
E saiba que tem aqui
Um homem de pundonôr
Que vac á cara ao *senhor!*
E sem mais sou

Zé Terroso

Logo, depois, outra carta:

«*Meu caro senhor Furão:*

Tenho, ora, a distincção
De lhe vir participar,
Que, apesar de um pouco rude,
Conheço em V. Excellencia
Um fulgor d'intelligencia,
Mui capaz de me cegar.

Honrado, demais sincero,
Verdadeiro homem de bem,
E franco, como ninguem.
No dever, metucloso;
Muito amigo da verdade,
Odiando a hypoerisia...
Sem mais sou, em demasia,
Servo humilde

Zé Terroso.»

Soube agora que o Zé
Assim feroz m'insultava,
Por pensar que eu namorava
A *sua* do coração.
Mas, conhecendo o engano,
Den á penna uns taos retoques
Que me pôe em *farnicoques*
E que agradeço.

Furão.